



AO N.º 969 DO



SUBSCREVE-SE.

Na Typographia do PATRIOTA, rua da Poço dos Negros n.º 54. Marquês, na rua Augusta n.º 2 e 3.

Um mez..... 946  
Tres mezes..... 720 ..  
Avulso..... 30 ..

Este Supplemento publica-se todas as segundas e quintas feiras.

# AVISO.

Para interesse publico deseja-se saber nesta redacção a natureza das relações que existem entre o muito honrado ministro da justiça, o dignissimo sr. Ferrão, e um tal M. F. de F....

## CARTAZ, ANNUNCIO, OU NOTICIA

*Dos grandes exercicios, volteio, saltos perigosos, jogos gymnasticos, do famoso equilibrista Mr. Tojaly.*

Acaba de chegar a esta Capital Mr. Tojaly, o primeiro palhaço da Europa, o saltimbanco dos saltimbanco, o trampolim mór deste seculo.

Mr. Tojaly visitou as principaes côrtes da Europa, e teve a honra de desenvolver todo o seu talento acrobatico na presenca de grande numero de soberanos.

Na côrte de Londres recebeu Mr. Tojaly os maiores applausos, chegando a tal ponto o enthusiasmo do distincto artista, que, querendo dar o grande salto de trampolim, escapou-lhe a maromba e *quebrou*. Mr. Tojaly, dá cambalhotas nunca vistas nesta illustre Capital, e inteiramente novas e variadas. Entre outras, vira a cabeça com os pés. Em cambalhotas é o primeiro clown no seu genero.

Além de engolir espadas, se fôr do agrado do publico, engolirá a Nação!!! No famoso salto do credito publico, é inimitavel, nada deixa a desejar.

A cambalhota do banco é tão habilmente dada e de tal força que quasi o deixa exaustão.

No volteio da escada ascendente executa as mais bem combinadas empalmações.

Mr. Tojaly não é um desses artistas, que prometta e não execute. As suas obras são publicas, e tem feito a admiração de meia Europa.

Domingo proximo terão logar no circulo Amór da Patria as primeiras empalmações e saltos perigosos de trampolim de Mr. Tojaly: executará igualmente a grande cambalhota chamada das finanças, e depois de varios outros exercicios gymnasticos, terminará o divertimento por um grande fogo de artifício, no qual apparecerá em um transparente—Roma com todos os seus monumentos e obras publicas.

Tal é o escolhido spectaculo com que Mr. Tojaly

espera merecer o acolhimento do illustrado publico desta Capital.

N. B. Os ricos proprietarios tem entrada gratis. Principiará ás 7 horas da noite.

O DIRECTOR

Roma.

## Circular Mello e Carvalho.

Saltou o sr. Mello e Carvalho para a corda bamba; appareceu com a sua circular, muito bem arranjadinha, muito catitinha, e muito bem *fomentadinha*. A circular parece-nos um piegas, de casaquinha muito estreita e com o seu chapellino muito afunilado e seu cigarro bregeiro na boca; figura-se-nos ver o sr. Mello e Carvalho a escrevel-a muito tesinho e muito contente. Estamos deveras enthusiasmados; tenha paciencia o leitor—havemos de dar quatro vivas:

Viva o sr. Mello e Carvalho!

Viva a circular!

Vivam os batalhões!

Viva a *fomentação*!

Queremos a circular em pergaminho, em gesso, em papellão e em relicario.

Toque a musica e viva amor!

*Programma apresentado em 24 de Agosto de 1847 pelo Sr. Mello e Carvalho, e analysado por um analysador seu admirador.*

Sem paz e sem tranquillidade, não se pôdem alcançar os grandes interesses nacionaes—*Vide decreto de fusilamentos e deportações.*

Cumpre pois antes de tudo, prover ao restabelecimento e manutenção da ordem e socego dos povos—*Vide memorias das provincias.*

Convem que a amnistia seja uma realidade—*Vide providencias do conde do Casal.*

É indispensavel que as vinganças pessoas sejam quanto fôr possivel prevenidas—*Vide historia do Algarve, Guarda, Beja, Vidigueira, Coimbra, Porto, Villa Real, S. Miguel etc.*

Que a força armada essencialmente obediente, e disciplinada, não se empregue jámais, senão quando fôr reclamada para manutenção das leis—*Vide regimento n.º 16, ricos homens do Algarve etc.*

Que a toda a industria e trabalho honesto e productivo seja dada protecção efficaz—*Vide Roma, Ferrão, Carvalho e Mello.*

Que em todas as despesas do estado se procure effectuar as possiveis reformas e se proceda em tudo com a mais severa economia—*Vide Duque da Terceira e Saldanha.*

Que se fomenta a instrucção em todas as classes:—  
*Vide Barreiros e padre Eleuterio, e vide fomentações no Bluteau.*

Que a moral convertida em principio administrativo, seja um dos elementos da acção governativa — *Vide systema de Marçalde pag. 1 até 365.*

Que a escolha dos empregados publicos assente exclusivamente nas condições de capacidade intellectual e moral — *Vide Franzini.*

Que o systema representativo, fundamento essencial da nossa organização politica e administrativa, seja consolidado com a eleição de deputados distinctos por seus talentos e probidade, escolhidos com inteira liberdade de voto sem influencias e machinações facciosas — *Vide eleições de 1845, e recenseamento de 1847.*

E em tudo isto é sempre o Ministerio a querer, a desejar, sonhando deliciosamente nas Secretarias e governando o mundo em séco. Pobres visionarios! Visionarios! Pois *il caro signor Franzini* é visionario? Impossivel!

Oh! que sorte tão bella espera a patria dos *Jões* e da alfaca, que futuro tão brilhante estamos vendo para Portugal. Vêmos, a riqueza, a abundancia, e tudo para o Ministerio... queremos dizer, tudo feito pelo Ministerio; a miseria, a desgraça, a fome será a sorte desta Nação... queremos dizer, não será a sorte desta Nação. Em fim, o que tem de ser tem muita força, e ás vezes d'onde menos se espera é que sahem as cousas. O Ministerio actual é chamado a preencher uma importante missão; na lucta póde succumbir victima de sua dedicação, todavia nem por isso terá deixado de enterrar (leia-se salvar) o povo Portuguez.

#### GUERRA DE MORTE AOS BIGODES.

Não foi só o conde de Tojal que mandou armar os barbeiros de homicidas navalhas para raparem os labios superiores dos empregados publicos, não foi só a Hespanha que deportou os bigodes; a guerra continúa cruenta e terrivel, porém uma guerra de partido, acintosa e cruel. A *patuléa*, depois de lhe raparem o dinheiro, rapam-lhe a cara.

Em Coimbra o *honrado* cidadão João de Pinho levantou o estandarte da proscricção, e revestido d'um poder arbitrario, houve por bem exercer as funções de Figaro, atirando-se como um desalmado ás barbas de todos que não fossem da sua côr (João de Pinho é *verde negro*.) E a idéa não era original; o antigo Reitor da Universidade prohibira os bigodes, cominando as penas mais severas a quem transgredisse as suas ordens despoticas. E porque tanto rancor? Será porque os cabralistas não tem *bons bigodes*, ou porque elles querem o exclusivo? Egoistas!

O despotismo não pára aqui. Em Valença, acabamos de lêr no *Nacional* do Porto, o administrador prohibe aos paisanos o uso do bigode! Até onde chega a audacia da navalha administrativa!

E' neste seculo, essencialmente cabelludo, que erguemos a voz indignados e clamamos contra homens, que d'acôrdo com os barbeiros, querem augmentar as desgraças da patria. Tojal estás vingado! Hespanha ha quem te deite a barra adiante!

Portuguezes de bigode e sem bigode! Unamo-nos, e façamos uma cruzada contra essas authorities ignobeis, e *anti-bigodicas*. Em Murcia já houve quem resistisse a um governador; e quereis saber como? Eis o caso.

Em Murcia deo-se uma ordem tão soberanamente ridicula como estas que por cá se dão. Abaixo os bigodes! foi o grito dos cabralistas de lá, e os mais tremendos pellos cahiam a um acêno do governador, que era

Grão Turco como os nossos administradores de conee-lho. Um cidadão de Murcia entrincheirou-se n'uma casa e jurou que as bayonetas o não amedrontariam. Nestas crises as navalhas são mais temiveis do que as bayonetas. O governador não violou o domicilio, porque os governadores são até certo ponto amantes da legalidade; limitou-se a um bloqueio. Quatro dias durou o cerco e durante esse periodo o novo Barba-Roxa deitava de fóra da janella o nariz de vez em quando e por consequinte os bigodes — para zombar das sentinellas que tinham strictas ordens para o levar amarrado a um barbeiro. A fome é negra; o cidadão de Murcia rendeo-se e entregou os bigodes ao cutello do algoz!

Imitemos estes exemplos e mereceremos o nome de verdadeiros heroes, ao passo que essa raça damninha d'administradores será olhada com o desprezo e escarneo que merece.

E no meio de tanta gente de bigode e sem bigode, admira que houvessem ministros tão ineptos, e authorities tão ignorantes que se occupem de semelhantes ninharias!

Vergonha! Gritamos com quanta força temos e note-se que esta não é a *vergonha do Tempo*, mas uma poucachinha nossa, que Deos nos deo.

#### A chegada do grande homem.

As caixas da Imprensa não tem typos, as ballas não tem tinta, os compositores andam em bolandas, os distribuidores não sabem o que dizem; em fim, tudo é confusão, tudo prazer, tudo jubilo... e por que? Por que? Não o sabeis, chegou o grande heroe, o varão prestante, o magnanimo reformador, n'uma palavra, o conde de tomar!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Sexta feira 27 d'Agosto de 1847, 5851 da criação do mundo, 4195 do diluvio universal, dia de S. José Calazans, Santo de grande nomeada — o Terreiro do Paço vergava com o pezo da gente de todos os sexos; uns iam, outros vinham, uns chegavam, outros retiravam: e orçavam-se os concorrentes em perto de sete mil pessoas de todas as idades e tamanhos: seges, cavallos, escaleres, botes, tudo, tudo esperava pelo grande homem. Desembarcou, e ainda esperava pelo grande homem. Desembarcou, e ainda mesmo no transitio o proprio mar parecia rir-se, a barca dos banhos agitou-se e as malignas sardinhas deitaram a cabeça de fóra d'agua como para cumprimentar aquelle que regressava á patria carregado como um ouriço cacheiro.... de serviços, cheio de saudades, e com as *melhores intenções*.

Dizem-nos que o conde vinha n'um escaler do contracto; os reimeiros cahia-lhes em bica osur e as lagrimas — todos espinoteavam de guadio. No cáes das columnas houve o abraço de ternura, os apertões da amizade — os osculos, as saudações, os vivas ao *libertador da patria*... N'este momento pareceo-nos vêr a patria assuar-se e inclinar a cabeça com respeito.

Que dia, ou antes que noute, porque ia anoitecendo! Que alegria, que frensi, que loucura!

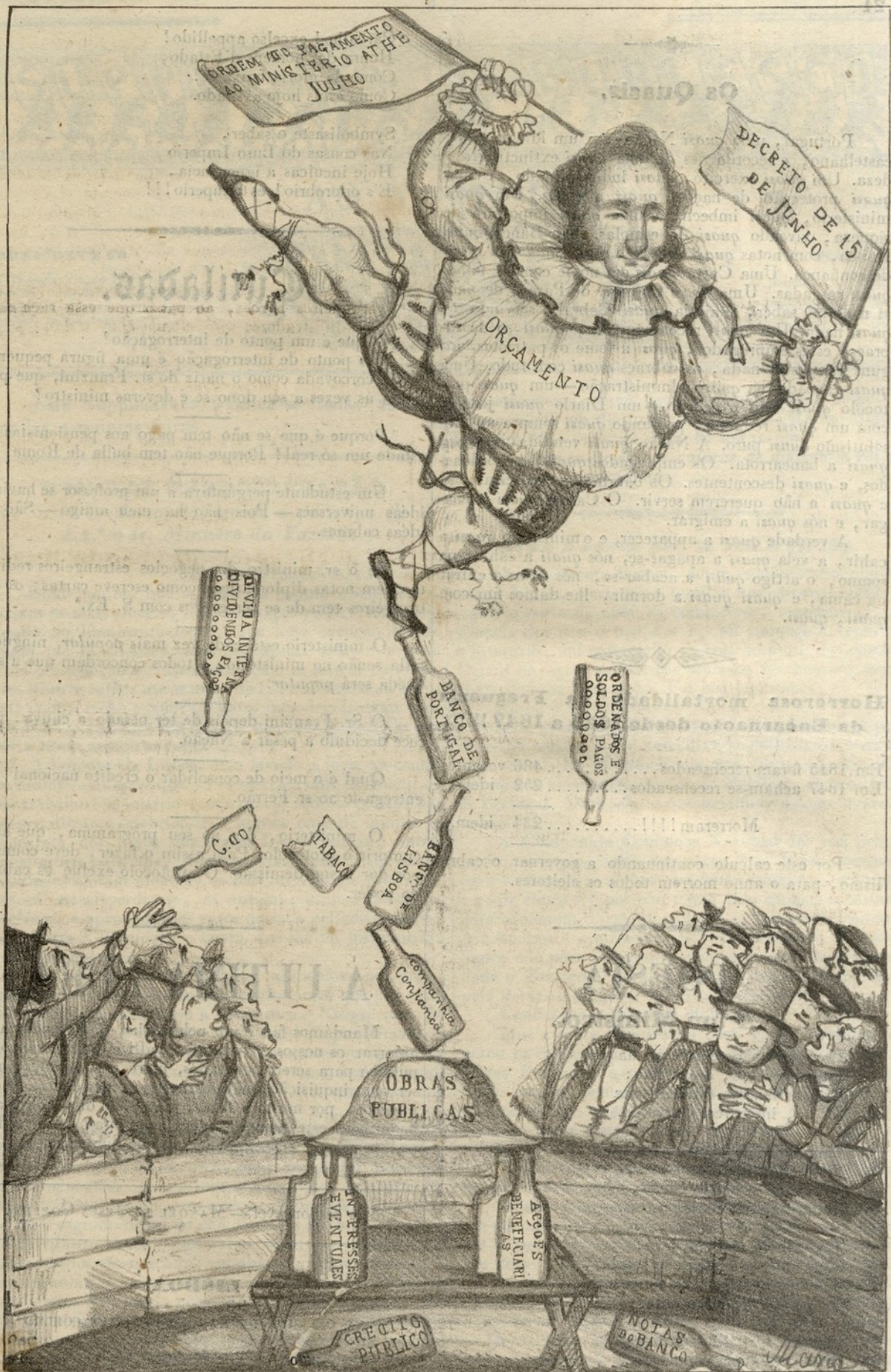
Tambem nós juntámos o nosso contingente de sorrisos (com perdão do art. 4.º do protocolo) e bradámos:

Bem vindo sejas conde de tomar! E's um Deos e o *Estandarte* o teu profeta.

Censuramos, ao concluir, asperamente a authority que teve a barbara lembrança de prohibir o fogo d'estallo. Os foguetes foram todos de lagrimas,....

N'outro qualquer paiz o conde de tomar, á vista do que se disse no parlamento Inglez e do motivo que o obrigou a sahir de Portugal, iria para a cadêa, e de lá quem sabe para onde... aqui foi para casa muito descaçado tomar chá com a sua mulher e filhinhos...

O' progresso!



Lith. Francis CARCADA do Comercio N.45

MAIS RAZÃO É QUE QUEIRA ETERNA GLORIA,  
QUEM FAS OBRAS TÃO DIGNAS DE MEMORIA!!!!

## Os Quasis.

Portugal, uma *quasi* Nação com um idioma *quasi* castelhano, e recordações de uma *quasi* extincta grandeza. Um *quasi* exercito, *quasi* indisciplinado, e uma *quasi* protecção de nações *quasi* alliadas. Um *quasi* ministerio, *quasi* imbecil, e uma *quasi* impostura de riqueza, vivendo *quasi* de esmolas. Um Banco *quasi* Banco, com notas *quasi* xotas; e uma *Confiança quasi* desconfiança. Uma Carta *quasi* em nome com as folhas *quasi* rasgadas. Uma *quasi* Camara de Pares, de *quasi* nenhum saber, maioria *quasi* Cabral, servindo de *quasi* nada. Um *quasi* recenseamento, *quasi* só de cabraes; estes empregados, *quasi* á fome os patriotas, alguns *quasi* sem nada, os cabraes *quasi* com tudo. Uma *quasi* caçoada na *quasi* administração — um *quasi* protocolo *quasi* sem execução — um *quasi* Diario *quasi* jornal, com um *quasi* redactor, prégando *quasi* sempre um absolutismo *quasi* puro. A Nação *quasi* vendida, e *quasi*, *quasi* a bancarrota. Os empregados *quasi* sem ordenados, e *quasi* descontentes. Os batalhões *quasi* estafados, e *quasi* a não quererem servir. O Cabral *quasi* a chegar, e nós *quasi* a emigrar.

A verdade *quasi* a apparecer, e o ministerio *quasi* a cahir, a vela *quasi* a apagar-se, nós *quasi* a cahir com somno, o artigo *quasi* a acabar-se, nós *quasi* a entrar na cama, e *quasi quasi* a dormir, lhe damos fim com *quasi, quasi*.



### Horrorosa mortalidade na Freguezia da Encarnação desde 1845 a 1847 !!!!

Em 1845 foram recenseados.....	486	votantes.
Em 1847 acham-se recenseados.....	252	idem.
Morreram!!!!.....	234	idem.

Por este calculo continuando a governar o cabralismo, para o anno morrem todos os eleitores.

## POESIA

### A um Ministro.

Cara que não tem vergonha,  
Injurias soffre, enxovalho:  
Tal do vento a furia afronta  
Bruto, insensível Carvalho.

Com a frente alevantada  
Aos sopros d'Eolo resistes,  
Mas se a segura te chega,  
Baqueas, não mais resistes.

Carvalho é madeira leve,  
Que entre as ondas não soçobra,  
Desfaçado arrosta os tempos  
E' páo para toda a obra.

Sempre Carvalho da força  
Foste emblema conhecido;  
Hoje sem fama, sem credito,  
E's em tudo escarnekido.

Carvalho! excelso appellido!  
Honra dos homens d'Estado,  
Como da gloria baixaste!  
Como estás hoje aviltado.

Symboliaaste o saber,  
Nas cousas do Luso Imperio  
Hoje inculcas a ignorancia,  
E's opprobrio! és vituperio!!!

## Cutiladas.

O que é um ponto de interrogação?

Um ponto de interrogação é uma figura pequena, torta, corcovada como o nariz do sr. Franzini, que pergunta ás vezes a seu dono se é de veras ministro?

Porque é que se não tem pago aos pensõistas do estado um só real? Porque não tem bulla de Roma.

Um estudante perguntava a um professor se haviam idéas universaes — Pois não ha meu amigo — São as idéas cabraes.

Se o sr. ministro dos negocios estrangeiros redigir tão bem notas diplomaticas como escreve cartas; os estrangeiros tem de se vêr gregos com S. Ex.ª

O ministerio está cada vez mais *popular*, ninguem falla senão no ministerio, e todos concordam que a sua quéda será *popular*.

O Sr. Franzini depois de ter pesado a chuva, parece decidido a pesar a Nação.

Qual é o meio de consolidar o credito nacional? E' entrega-lo ao sr. Ferrão.

O ministerio, diz no seu programma, que hade cumprir o protocolo. Para assim o fazer, deve começar por dar a sua demissão. O protocolo exclue os cabraes do poder.

## À ULTIMA HORA.

Mandámos fazer um pelourinho, onde tencionamos amarrar os nossos governantes; alli estarão expostos ao publico para serem açoutados, marcados, moidos; hade ser uma inquisição, hão de morrer a fogo lento. O carpinteiro, por muito a fazer, não pôde dar a obra acabada para este numero; será inaugurado com toda a pompa no primeiro supplemento que publicarmos.

Editor responsavel — MANOEL DE JESUS COELHO.

LISBOA

NA OFFICINA DE MANOEL DE JESUS COELHO

do Poço dos Negros n.º 54.

1847.